

“A SITUAÇÃO REQUER CONSERVADORISMO”

SURTO DO CORONAVÍRUS FREIA OTIMISMO VISUALIZADO NO INÍCIO DE 2020, PORÉM, MESMO DIANTE DA ATUAL CRISE, AGRO BRASILEIRO ENXERGA OPORTUNIDADES

JOÃO PAULO MONTEIRO E NATÁLIA PONSE, DA REDAÇÃO
joao@ciasullieditores.com.br | natalia@ciasullieditores.com.br

“O Brasil é um grande celeiro, produtor de alimentos, e não precisamos ter nenhuma expectativa negativa de que não teremos alimentos para nosso povo”, afirmou, em comunicado oficial, a ministra do MAPA, Tereza Cristina.

Referindo-se às mudanças na rotina dos brasileiros, impostas pela pandemia do coronavírus, ela ressaltou a importância dos produtores diante desta crise: “São os nossos heróis, que neste momento estão lá no campo dando duro, produzindo e realizando a maior safra colhida

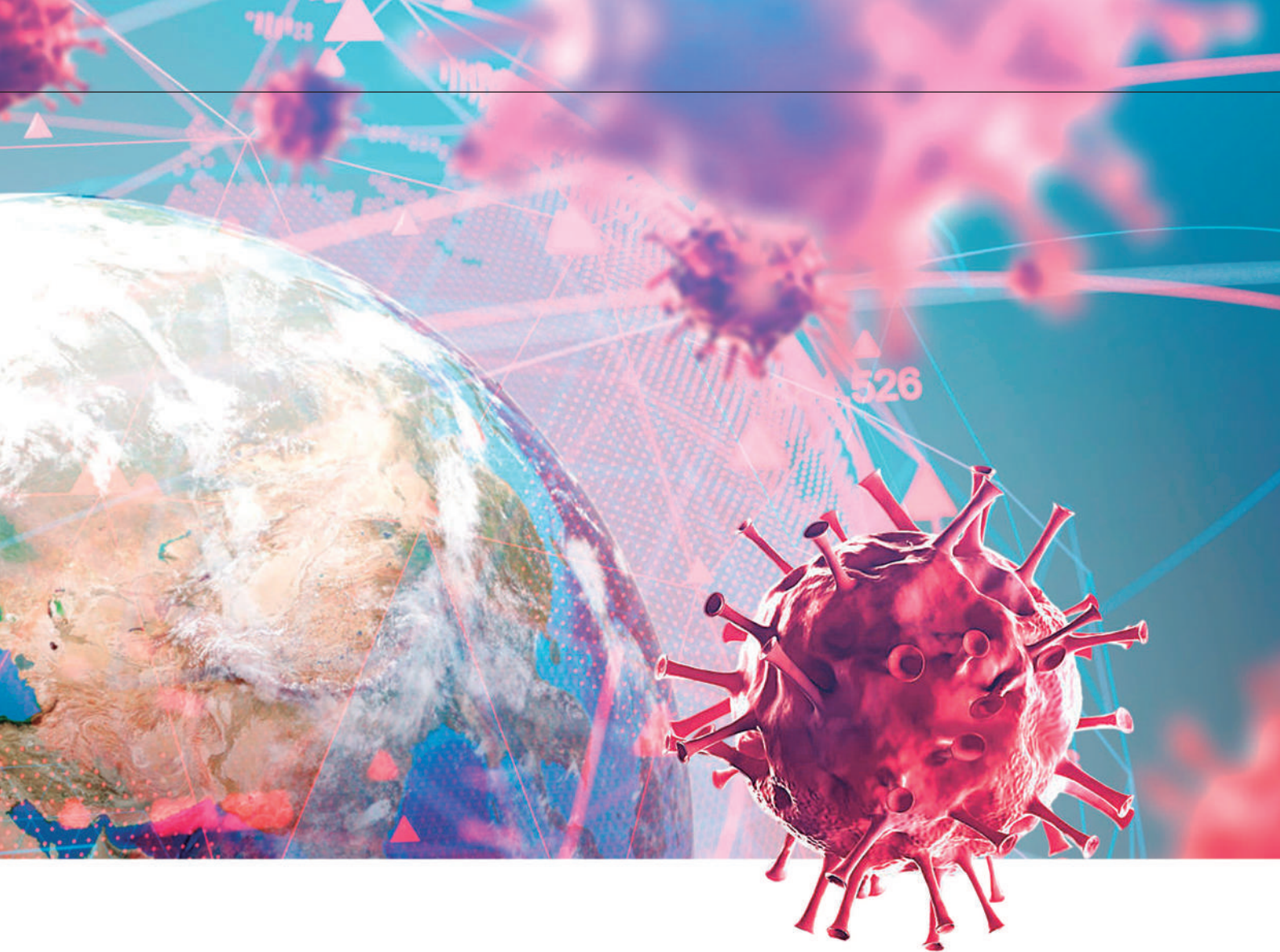
neste País, batendo recorde um sobre o outro para alimentar nossa população”.

Como você, leitor, já deve ter visto, o coronavírus é uma família de vírus responsáveis por causar infecções respiratórias. Um novo agente foi descoberto em dezembro de 2019, após casos registrados na China. A Covid-19 vem abalando as estruturas globais desde então, pois ainda não há vacinas ou tratamentos específicos para esta variável. Assim, a prevenção é a nossa melhor alternativa, ou seja, conter a transmissão da doença.

E é exatamente isso o que vem sendo no-

tado no setor. Sejam as grandes integradoras, agroindústrias familiares ou cooperativas, todas as providências preventivas vêm sendo tomadas no País, as quais não afetam o funcionamento dessa indústria, mantendo o fluxo normal das cadeias produtivas e, assim, garantindo o abastecimento de alimentos.

Deste modo, as expectativas positivas acerca de 2020 para o agro brasileiro permanecem. Otimismo este compartilhado por Marcos Fava Neves. Especialista em planejamento estratégico do agronegócio e professor da USP e da FGV, ele relembra o



ambiente para o setor antes deste atual cenário. “Começamos 2020 com as melhores perspectivas possíveis, pela questão da boa produção, bom preço e economia mundial com alguma aceleração e a brasileira se recuperando. Ou seja, um cenário otimista”.

O quadro macroeconômico global se alterou de forma drástica a partir do surto do coronavírus, é claro. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o mundo crescerá menos do que se projetava neste ano: de 2,9%, o indicador foi rebaixado para 2,4%. Os números ainda são totalmente incertos, porém, sabemos que o PIB mundial será impactado. E isso afeta as exportações do agro brasileiro. “Mas não muito”, tranquiliza Fava Neves. Pelo menos no setor de alimentos e, mais ainda, a proteína animal.

“O mundo precisa comer. Comida é a última coisa a ser cortada em um cenário de restrição de renda”, pontua e compartilha: “Então, continuo acreditando que, mesmo com essa crise durando de três a quatro meses, as nossas exportações podem chegar ao que estava previsto”.

Indo além, Fava Neves encara a situação

“O MUNDO PRECISA COMER. COMIDA É A ÚLTIMA COISA A SER CORTADA EM UM CENÁRIO DE RESTRIÇÃO DE RENDA”

MARCOS FAVA NEVES,
ESPECIALISTA EM PLANEJAMENTO
ESTRATÉGICO DO AGRONEGÓCIO

como uma oportunidade para o Brasil reforçar as suas relações com os chineses. “A China já é o principal parceiro comprador do agronegócio brasileiro e tenho expectativas de que virão forte para comprar nossos produtos. E, ainda, o conflito entre chineses e americanos tende a nos beneficiar como fonte alternativa de suprimentos”.

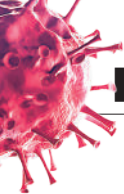
Isto porque, como argumenta o professor, a peste suína africana ainda acomete a suinocultura chinesa e também a avicultura foi assolada pela gripe aviária. E isto em um cenário de aumento do consumo de proteínas e problemas em diversas

cadeias de suprimentos. “Por conta desses fatores, acredito que eles consumiram estoques fortemente nesse período e devem sair às compras, beneficiando e muito a produção de carnes e o agro brasileiro”, analisa.

Esses diversos choques sanitários pelos quais a China passou recentemente podem indicar uma nova estratégia em relação à proteína animal naquele país. É o que pensa o engenheiro agrônomo e sócio consultor da MB Agro, Alexandre Mendonça de Barros. “Haverá uma grande demanda por proteína animal e a carne bovina surfará também nesta onda, visto que o déficit é evidente, sendo, assim, uma grande oportunidade para a pecuária brasileira” (na página 56 você confere mais projeções para a cadeia da carne vermelha).

O QUE A HISTÓRIA NOS ENSINA?

Esses problemas sanitários são também a causa da origem da Covid-19. Alexandre foi um dos palestrantes do V Encontro de Confinadores, realizado da Premix, no Rio de Janeiro (RJ) nos dias 11 e 12 de março. Na oportunidade, em sua fala o profissional não apenas apresentou o atual panorama global e suas ▶



projeções futuras, como também detalhou as origens de todo esse problema.

Então, para entender o surto do coronavírus é preciso voltar alguns anos e analisar os impactos da peste suína africana no mercado chinês. “Essa enfermidade surgiu no leste europeu há cinco anos e em agosto de 2018 avançou para a China, e passou a perturbar o mundo inteiro da proteína animal”, inicia.

Naquela época, o rebanho chinês suíno era composto por 440 milhões de cabeças. Em 2019, as estimativas apontam uma queda para 300 milhões. “Conforme a doença foi se disseminando, esses animais foram abatidos em grande velocidade”, conta Alexandre. “Este episódio foi o primeiro grande tapa na cara que os chineses levaram, dentro da estratégia de produzir carne, pois não contavam com uma doença com essa letalidade”, opina.

Até agora, não se conhece uma cura ou prevenção para a peste suína africana, portanto, o único jeito de controle, assim como está ocorrendo atualmente com o coronavírus, é evitar a disseminação. “Então, para isso é fundamental eliminar o foco rapidamente. Matam-se os porcos, queimam ou enterram”, afirma Alexandre.

Além disto, dentro do protocolo sanitário há um período de seis meses de vazio sanitário nas granjas. “E os chineses não estão respeitando este espaço de tempo, por isso há uma grande reinfestação no país e a doença segue latente e preocupa”, contextualiza.

Sendo a China um país habituado a consumir carne fresca vinda das feiras livres, pois grande parte da população, pobre, não possui geladeira, o estoque foi rapidamente consumido.

A falta do produto resultou em uma explosão dos preços. “Em meados de 2019 foi registrado o valor mais alto da história, quando este triplicou e se aproximou da carne vermelha”, conta Alexandre.

Neste cenário, diversas plantas ao redor do globo, inclusive no Brasil, foram habilitadas para exportação para a China. Porém, mesmo com esses embarques, os preços do suíno se mantiveram elevados no país.

A alternativa para ofertar proteína animal à população mais pobre foi a avicultura. “Os chineses, estimulados pelo governo, passaram a produzir frangos. Para isso, utilizaram granjas velhas e, com um baixo padrão sanitário, a gripe aviária voltou a assolar a atividade no país”, relata.

Após cerca de dois milhões de toneladas de carne de frango produzidas em 2019, a expectativa para este ano era dobrar este montante. Contudo, a enfermidade freou bruscamente este setor. “Então, imagino que haverá uma grande importação não só de carne suína e de aves, mas também a bovina,



“O MOMENTO NA CHINA É DESAFIADOR. HÁ UM DÉFICIT DE CARNES MUITO EVIDENTE”

ALEXANDRE MENDONÇA DE BARROS,
SÓCIO CONSULTOR DA MB AGRO

pois o momento na China é muito desafiador, visto que há um buraco, um déficit de carnes muito evidente”, analisa Alexandre.

E é exatamente neste cenário onde nasce a Covid-19. “Houve uma queda na produção de suínos violenta. Somente o chinês classe média alta passou a consumir carne de porco, a preferida no país. O que, então, as outras pessoas passam a fazer? Começam a optar por outras carnes. O resultado: há um aumento na frequência de consumo de animais silvestres”.

E, como os livros de biologia e a própria história já nos ensinaram, os seres humanos sempre contraíram enfermidades de animais. E, nos últimos 50 anos, a maioria das novas doenças infecciosas tem sua origem relacionada à vida selvagem e/ou animais de produção, se espalhando rapidamente.

Nos anos 1980, o HIV/aids se originou nos primatas; a gripe aviária em 2004 e a gripe suína cinco anos depois ilustram a questão. Mais recentemente, a Sars, síndrome respiratória aguda grave, também causada por um vírus do tipo corona, teve origem pelo consumo de civetas (um pequeno

mamífero asiático). E o ebola, embora a origem seja desconhecida, sabe-se que morcegos são os hospedeiros prováveis do vírus.

Todos esses fatores convergem, portanto, em um aumento do consumo de animais silvestres, já um hábito na China. “Da feira livre, o chinês leva um animal vivo para dentro de sua casa e uma mutação de um vírus, batizado de Covid-19, passou para este ser humano e, deste modo, essa gripe começou a se espalhar pelo mundo”, relata Alexandre.

NÃO PODEMOS PARAR. De acordo com diversos especialistas e relatos, apesar de graves, os acontecimentos recentes não têm capacidade de alterar a dinâmica do agronegócio brasileiro em curto prazo. “Tudo varia em relação ao tempo de crise e os impactos serão diferentes conforme a cadeia”, afirma Marcos Fava Neves. Segundo o especialista, as carnes e os grãos energéticos estão um pouco mais protegidos, enquanto outros setores, como flores, cana e algodão, sofrerão um impacto lamentável.

Assim, a recomendação do professor ao setor é direta: “Não tomem grandes passos”. A argumentação é simples: “Essa é a maior crise no âmbito global que já vi instalada; não se sabe a duração dela e nos pegou com um conhecimento prévio muito baixo”.

“A situação agora requer muito conservadorismo. Continuem o seu trabalho com muita atenção aos custos, com qualidade e com a gestão, para que possamos atravessar esse momento que ainda é difícil de entender”, conclui Fava Neves.

ASSOCIAÇÕES E ENTIDADES DO SETOR ESTÃO TRABALHANDO ATIVAMENTE PARA GARANTIR COMIDA À MESA DO BRASILEIRO

› ABRAS

PARA PRESERVAR a população de práticas abusivas relacionadas à elevação injustificada de preços de qualquer mercadoria proveniente dos fornecedores, a Associação Brasileira de Supermercados trabalha em parceria com a Secretaria Nacional do Consumidor e monito-



ra a questão em todo o País, com o apoio das 27 associações estaduais de supermercados.

Além disso, no último boletim divulgado até o fechamento desta edição, a entidade reforçou que as lojas registraram normalidade no movimento, e evidenciou que o estoque de mantimentos pela população não é necessário, já que as lojas estão funcionando normalmente, mesmo em período de quarentena.

› SINDIRAÇÕES

TRABALHANDO junto à cerca de 60 entidades do setor, o Sindirações vinha convergindo forças para demonstrar e convencer o poder executivo que a alimentação é também uma atividade essencial à preservação da vida, além da saúde e da segurança. Deu certo. “Neste momento crítico, estamos garantindo o abastecimento da população. Afinal, para haver o bem-estar físico e emocional é preciso comer. Até mesmo no sentido de manter o sistema imunológico preparado para qualquer desafio”, pontua Ariovaldo Zani, vice-presidente Executivo do sindicato.



A luta segue para garantir a fluidez da logística da alimentação e demais suprimentos para os produtores, incluindo o transporte dos próprios animais até os frigoríficos e a atividade aduaneira. “A publicação de determinadas regras a nível municipal e estadual vem gerando dificuldades no trânsito, incluindo atraso nos pontos de checagem e vistoria, exigindo ações muitas vezes a nível judicial para que seja retomada a normalidade”, diz. Ainda assim, Zani garante que não foram registradas, até o final de março, reclamações quanto ao abastecimento de alimentos. “Estamos atentos”.

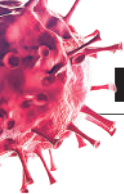
› ABAG

DE ACORDO com a Associação Brasileira do Agronegócio, a grande responsabilidade nesse momento de crise é afastar a possibilidade de escassez de alimentos. Em comunicado, lembra que a dinâmica do agronegócio tem forte componente sazonal, coincidindo com provável pico da Covid-19 no Brasil, esperado para os meses de abril e maio.

Pelo resumo exposto, a ABAG pede a consideração e atenção de todas as autoridades para enviares todos os esforços possíveis para manutenção do funcionamento da estrutura logísti-



ca portuária, rodoviária e ferroviária, resguardando os procedimentos de proteção, controle a assistência aos trabalhadores envolvidos nessa cadeia, a fim de garantir o abastecimento, seja das fábricas produtoras de insumos, na cadeia de distribuição ou ainda no produtor rural, para que assim o Brasil tenha uma safra robusta e segura e, portanto, uma população alimentada e saudável para enfrentar desafios como o que ora enfrentamos.



› SINDAN

O SINDICATO Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal, até o fechamento desta edição, não identificou problemas nesta área. "Temos trânsito normal de alguns produtos liberados pelo MAPA, como vacinas contra aftosa, raiva, clostrídios, botulismo, brucelose, Newcastle, gumboro e bronquite. Estamos na tratativa junto ao governo para observar o perfil desta indústria", afirma o vice-presidente, Emilio Salani.

Ainda conforme o Sindan, a indústria está seguindo as recomendações das autori-



dades sanitárias, incluindo o afastamento de colaboradores inseridos nos grupos de risco. O operador logístico responsável pela distribuição dos medicamentos, situado em Vinhedo (SP), já está aplicando um plano de continuidade de negócio para evitar crise neste setor. "O MAPA editou várias medidas, inclusive estabelecendo de várias maneiras a saúde animal como atividade essencial, justamente para que não fiquemos reféns de algumas decisões pontuais", esclarece.

› ABPA

COM O QUADRO de desabastecimento observado em outras nações, a prioridade da avicultura e da suinocultura do País está na preservação da produção de alimentos básicos como carne de frango, carne suína e ovos, que são estratégicos para a segurança e o bem-estar da população do Brasil. "Para as empresas associadas, a saúde das equipes e a oferta de alimentos para a população são prioridades indiscutíveis", afirma a ABPA em comunicado.



Antes mesmo do coronavírus movimentar o País, a associação implementou comitês internos para a mitigação dos impactos desta crise no sistema produtivo. Dentre as medidas setoriais adotadas, as empresas intensificaram as orientações sanitárias em toda a sua estrutura. Visitas em unidades estão suspensas, salvo casos absolutamente necessários. A entidade também tem apoiado o MAPA nos esforços para a manutenção na produção, assim como no fluxo regular de ração para os animais nas unidades produtoras.

› PEIXE BR

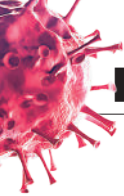
A PISCICULTURA sente efeitos da redução do consumo de peixes na quaresma, período conhecido, historicamente, pelo aumento de até 40% no volume de vendas. A Associação Brasileira de Piscicultura e as estaduais reforçam a necessidade da implementação de medidas emergenciais para manutenção econômica da atividade neste momento delicado.

Em documento enviado ao governo federal, assinado junto a oito entidades estaduais e uma instituição de pesquisa, a Peixe BR solicitou a suspensão imediata do PIS/COFINS; liberação da obri-

gatoriedade do licenciamento ambiental para acesso a recursos e crédito de custeio; e apoio para manutenção do trânsito de insumos (alevinos e ração) para as fazendas e peixes para os frigoríficos.

Recomendando o atendimento às determinações da Organização Mundial da Saúde e Ministério da Saúde, a entidade também orienta suas associadas a reforçar a orientação de práticas sanitárias extensivas às famílias dos seus funcionários, clientes e parceiros, além de reduzir o trânsito de pessoas ao mínimo necessário e a adiar reuniões presenciais.





› ABIEC

O FORNECIMENTO de carne bovina no Brasil, de acordo com a Associação Brasileira das Indústrias de Carne, está garantido. A projeção é de que a produção nacional de carne bovina será 35,5% maior do que o volume consumido no País. Essa produção já está contratada com as operações em andamento nas fazendas, e, por conta da dinâ-

mica da cadeia produtiva, não pode ser interrompida. Ou seja, os volumes serão produzidos, portanto não há risco de desabastecimento de proteínas. O setor produtivo está trabalhando para garantir o fornecimento também para as centenas de países para os quais a nossa carne é exportada.

A entidade também informa que está em contato direto com

o MAPA, para gerenciar e identificar situações pontuais que necessitem de ações para ajustar fluidez do processo produtivo. "O

foco de atuação do setor está em produzir observando a saúde de todos os colaboradores e a segurança sanitária

da nossa carne, garantindo o abastecimento para todos", ressalta o presidente da Abiec, Antônio Jorge Camardelli.



› ABCS

ALERTANDO que a transmissão de Covid-19 não tem relação com os suínos, a Associação Brasileira dos Criadores de Suínos indica que produtores devem seguir rigorosamente os protocolos de biossegurança. Entre outras medidas, a recomendação é de limitar a exposição da unidade de produção e evitar a entrada de terceiros que frequen-

tam outros ambientes e granjas.

O presidente da associação, Marcelo Lopes, explica que neste momento é im-



portante que todos os brasileiros sejamos cautelosos e vigilantes para a manutenção da saúde e do bem-estar de todos. "Evitar exposições desnecessárias, grandes aglomerações, proteger os mais vulneráveis, ter maior cuidado com a higiene pessoal e das instalações e ir na rede de saúde, apenas se realmente for necessário. Unindo esforços e com a colaboração de todos, vamos superar este momento desafiador", alertou o presidente.

› ABCC

O SETOR carcinicultor amarga prejuízos devido ao fechamento de bares e restaurantes por conta da quarentena. "Além dos preços sinalizados para compras nas porteiras das fazendas terem despenca-

do entre 40% e 50%, com o fechamento de bares e restaurantes sem qualquer socorro ao setor produtivo, este mais uma vez foi obrigado a arcar com todos os custos e sacrifícios, causados principalmente pela falta de uma política setorial", declara o assessor especial da Associação Brasileira dos Criadores de Camarão, Itamar Rocha.

Por conta disso, junto à Associação Nacional de Caça e Conservação, a entidade desenvolveu uma

ação junto ao MAPA e ao Ministério de Desenvolvimento Regional visando o financiamento emergencial da aquisição, beneficiamento e estocagem dos produtos processados; assim como para o financiamento do custeio operacional, incluindo adequações técnicas na construção de

berçários primários e secundários; empreendimentos para culti-

vo semi-intensivo e intensivo, inovações tecnológicas e outras demandas. "A carcinicultura brasileira, depois de superar as atuais adversidades, dependendo da organização e empenho setorial, assumirá papel de destaque no cenário da produção e das exportações de camarão marinho cultivado", resume Itamar. ■

